

## ARQUITETURA E MODA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: O MODERNISMO E SUAS INFLUÊNCIAS

*Architecture and fashion at the beginning of the 20th century: modernism and its influences*

Ana Cristina Carvalho de Almeida; Graduada em Arquitetura e Urbanismo; PUCPR, [aana97990@gmail.com](mailto:aana97990@gmail.com)<sup>1</sup>  
Bárbara Pellini A. Carrano; Graduada em Arquitetura e Urbanismo; PUCPR, [bapacarrano@gmail.com](mailto:bapacarrano@gmail.com)<sup>2</sup>  
Guilherme Grasso; Graduando em Arquitetura e Urbanismo; PUCPR, [guilhermegrasso2005@gmail.com](mailto:guilhermegrasso2005@gmail.com)<sup>3</sup>  
Helena Cunha L. de Athayde, Graduada em Arquitetura e Urbanismo; PUCPR, [athaydehelen6@gmail.com](mailto:athaydehelen6@gmail.com)<sup>4</sup>  
Juliana Fernandes Junges Cararo; Doutora em Educação; PUCPR, [julianacararo.arq@gmail.com](mailto:julianacararo.arq@gmail.com)<sup>5</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa bibliográfica qualitativa, inicia a investigação dos principais aspectos que definiram e influenciaram mutuamente a moda e a arquitetura no início do século XX, a partir do movimento modernismo. Assim, analisa a linha do tempo da moda e da arquitetura, da revolução industrial ao modernismo, elencando os principais acontecimentos econômicos, culturais e sociais, deste período e busca identificar preliminarmente as principais características da arquitetura modernista e suas aproximações com a moda deste período e movimento histórico.

**Palavras-chave:** Moda; arquitetura; modernismo.

**Abstract:** This qualitative bibliographical research investigates about main aspects that defined and mutually influenced fashion and architecture at the beginning of the 20th century, through the modernism movement. Then, it analyzes the timeline of fashion and architecture, from the industrial revolution to modernism, listing the main economic, cultural and social events of this period and seeks to preliminarily identify the main characteristics of modernist architecture and its similarities with the fashion of this period and historical movement.

**Keywords:** Fashion; architecture; modernism.

### Introdução

A arquitetura e a moda se conectam em diferentes aspectos, a começar pela sua representatividade ao longo da história, marcando períodos e acontecimentos que influenciaram o movimento do mundo e de sua sociedade.

A interação entre a moda e arquitetura explora, segundo Zappellini (2020), as barreiras de dois suportes essenciais: o corpo e o lugar. Para esta autora, a moda veste o corpo e estabelece estilo e a arquitetura define espaços e condiciona o seu uso, e ambas têm o mesmo ponto de partida, o corpo humano pela sua proporção e forma. Contudo, a moda e a arquitetura transcendem seus propósitos fundamentais, vão além do vestir o corpo humano e do abrigar as atividades humanas, estabelecem conexões e interações históricas, sociais, econômicas e comportamentais.

<sup>1</sup> Ana Cristina Carvalho de Almeida; Graduada em Arquitetura e Urbanismo; PUCPR, [aana97990@gmail.com](mailto:aana97990@gmail.com)

<sup>2</sup> Bárbara Pellini Acquaviva Carrano; Graduada em Arquitetura e Urbanismo; [bapacarrano@gmail.com](mailto:bapacarrano@gmail.com)

<sup>3</sup> Guilherme Grasso; Graduando em Arquitetura e Urbanismo; PUCPR, [guilhermegrasso2005@gmail.com](mailto:guilhermegrasso2005@gmail.com)

<sup>4</sup> Helena Cunha Locher de Athayde, Graduada em Arquitetura e Urbanismo; PUCPR, [athaydehelen6@gmail.com](mailto:athaydehelen6@gmail.com)

<sup>5</sup> Juliana Fernandes Junges Cararo; Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da PUCPR; Doutora em Educação; PUCPR; [julianacararo.arq@gmail.com](mailto:julianacararo.arq@gmail.com)



A conexão entre a moda e arquitetura vão além de aspectos históricos, pois já em suas origens passadas, para Souza (2014) "[...] uma possível relação de função entre a vestimenta e a edificação pode ser identificada no uso de peles de animais, que serviam não só como cobertura para o corpo, mas também como revestimento da estrutura bruta das paredes das habitações". O que destaca ambas, a roupa e arquitetura, segundo Marques (2019), como a "[...] necessidade de abrigo e de proteção que o ser humano sempre sentiu em relação ao seu corpo".

A arquitetura e o vestuário representam a expressão pessoal ou de um grupo de pessoas, de suas vivências e experiências físicas, afetivas, emocionais e intelectuais. Ou seja, o espaço onde as pessoas habitam, trabalham ou se divertem, assim com as roupas que vestem espelham comportamentos e personalidades de um tempo passado, presente ou futuro - que pode estar anunciando uma tendência.

Muitos períodos marcantes da história, refletiram nas artes, na arquitetura e na moda, diferenciando e evidenciando elementos que identificaram momentos, acontecimentos e períodos históricos. Inevitavelmente, arquitetos, estilistas e designers são influenciados pela cultura e momento histórico que vivem ou que os inspiram, caracterizando suas próprias criações. Na linha do tempo, destacam-se as grandes mudanças e evoluções ocorridas no final do século XIX e início do século XX. Kinney (2009), aponta que muitos arquitetos modernistas importantes para este período, a exemplo de Henry Van de Velde, Frank Lloyd Wright e Adolf Loos, que interagem com a moda pela escrita e, até mesmo, na criação de vestuários. Neste período, pela influência da Revolução Industrial, a arquitetura, assim como a moda, passou por um processo de industrialização, e conseqüentemente, padronização, adotadas, de acordo com Souza (2014), "[...] como solução para os problemas individuais de estilo – e a identificação de tipos ideais".

A Revolução Industrial trouxe avanços na produção de materiais têxteis e de construção, que permitiu a construção de arranha-céus e roupas mais acessíveis. O crescimento das cidades demandou novas soluções arquitetônicas para acomodar a crescente população urbana, resultando no surgimento de novos métodos construtivos para acelerar as construções. Do mesmo modo, o surgimento do pronto-a-vestir (prêt à porter) democratizou a moda, permitindo que tendências antes reservadas à elite se tornassem acessíveis a todos. Inovações como a máquina de costura e as fibras sintéticas revolucionaram a produção de roupas e a popularização da moda.

Esse período histórico culminou em inúmeros movimentos sociais e artísticos, os quais influenciaram a moda e a arquitetura, a se destacar no início do século XX, também por consequência das duas grandes guerras mundiais, o movimento modernista. A partir deste cenário, esta pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo buscou responder ao seguinte problema: como a arquitetura e a moda se influenciaram mutuamente no início do século XX, estabelecendo características particulares, a partir das vertentes do modernismo?

O objetivo principal deste ensaio investigativo, pela necessidade de mais aprofundado futuro, foi identificar os principais aspectos que definiram e influenciaram mutuamente a moda e a arquitetura no início do século XX, a partir do movimento modernismo, aprofundando-se: (i) na análise da linha do tempo histórica da moda e da arquitetura, a

partir da revolução industrial ao modernismo, elencando os principais acontecimentos econômicos, culturais e sociais, que influenciaram este período e (ii) na identificação preliminar das principais características da arquitetura modernista e suas aproximações com a moda deste período e movimento histórico.

### **A moda e a arquitetura**

Para compreender as aproximações entre a arquitetura e a moda, e iniciar a correlação entre tais áreas, é necessário entender o que elas significam, fundamentadas em alguns conceitos eleitos para esta pesquisa, já que muitos arquitetos e estudiosos da moda e da arquitetura estabelecem suas próprias denominações. Segundo um dos mais importantes arquitetos modernistas brasileiros, Lucio Costa, “[...] pode-se, então, definir arquitetura como construção concebida com a intenção de ordenar e organizar plasticamente o espaço, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa” (Costa, 1940).

Correlacionando aos conceitos da teoria clássica da arquitetura de Vitruvius, arquiteto romano do século I a.C, no qual, até hoje, as escolas de arquitetura do mundo se fundamentam, entende-se a arquitetura por três princípios: (i) *utilitas* (utilidade), que se refere à adequação às necessidades humanas, uso e função do edifício; (ii) *firmitas* (solidez), relativo à sua estabilidade e durabilidade estrutural; e (iii) *venustas* (beleza), ditada pela sua estética e a beleza visual, a partir de suas proporções harmônicas e elementos compositivos.

A moda, segundo Lipovetsky (2009), “[...] é um fenômeno que ajuda a criar relações entre os indivíduos em um contexto social e que enfatiza seus traços sociais e estéticos em um monopólio de poder”. Ou seja, pelo vestuário é possível identificar e comunicar uma condição social, econômica e plástica (estética) de um indivíduo, sendo um reflexo das mudanças de uma sociedade. Para esse autor, o estilo não é apenas aparência, mas uma expressão de comportamentos, gostos e estilos de vida individual e coletiva em constante evolução.

Dessa forma, como setores caracterizados sinteticamente pela criação de envolturas estruturais, mesmo que de proporções distintas, que possuem significado estético inato, não é inusitado que a moda e a arquitetura possuam um alto grau influência recíproca. Compreende-se, então, que o corpo é o elo de conexão entre moda e a arquitetura, pois segundo Chave (2020), estrutura, volume, transparência, cores e texturas estão presentes em ambas, é fácil entender o porquê estilistas e arquitetos exploram mutuamente estes universos, distintos, mas extremamente próximos. E assim, o intercâmbio entre arquitetura e a moda se torna possível, uma vez que lidam com o corpo e a escala humana e reagem juntos aos acontecimentos e movimentos do mundo.

### **Da revolução industrial à arquitetura e moda modernista**



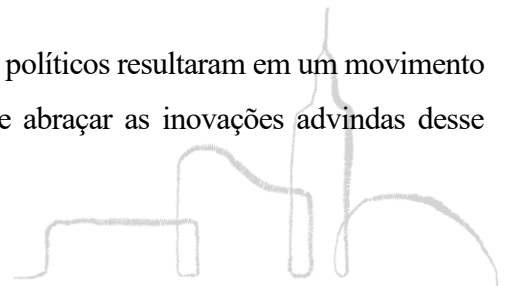
Para um estudo da linha histórica da arquitetura e da moda, sob a ótica do modernismo, é importante relembrar as grandes Revoluções ocorridas no mundo, as quais estabeleceram novos rumos à sociedade. A Primeira Revolução Industrial, iniciada no final do século XVIII - deu início à era industrial e a mecanização das produções, a Segunda Revolução Industrial se iniciou em 1850 - marcou a expansão da indústria, novas fontes energéticas, e a revolução dos transportes, na Terceira Revolução Industrial, ocorrida a partir da década de 1950, evidenciou-se a evolução da eletrônica, que introduziu a digitalização, a qual na Quarta Revolução Industrial – a partir de 2010, culminou no avanço das telecomunicações, pela alta interatividade e conectividade.

As ideias modernistas surgem, influenciadas pelos movimentos ocorridos desde a Primeira até a Terceira Revolução Industrial. Tanto na moda, quanto na arquitetura, a produção era predominantemente artesanal e sob medida ou sob encomenda e mais acessível às classes mais altas. No entanto, para a moda, com o crescimento da indústria têxtil e do setor de confecções, houve a democratização do ato de vestir a partir do vestiário prêt-à-porter, permitindo que a moda fosse acessível a uma parcela maior da população. O que não foi diferente na arquitetura, que, pela industrialização começou a viabilizar as construções mais seriadas (principalmente habitacionais), justamente pelas possibilidades da aplicação de novos materiais e processos e métodos construtivos.

Todo esse contexto de industrialização se refletiu em intensas mudanças globais, sendo as principais delas as Guerras Mundiais e a Guerra Fria, que por si só viriam a influenciar a composição da arquitetura e da moda significativamente. De acordo com Frampton (2023), o pós-Primeira Guerra Mundial iniciou um movimento que priorizava a funcionalidade e a simplicidade das criações, que agora caminhavam em direção ao modernismo. Ainda segundo o autor, a Segunda Guerra Mundial trouxe consigo a necessidade de reconstrução eficiente após as imensas destruições causadas por tal episódio, gerando o desenvolvimento de novos materiais e técnicas construtivas no campo da arquitetura, como o concreto armado e a construção modular, que possibilitaram a reconstrução em larga escala.

A escassez de materiais em meio ao caos gerado pelas guerras resultou na adoção de estilos mais práticos e funcionais no campo da moda (Mendes e de la Haye, 2010), já que, ao menos para as massas, não havia tempo para opulências. No entanto, o pós-guerra fez com que a composição estilística oscilasse entre a praticidade derivadas das restrições econômicas do período e a exuberância ostentada pelo público mais nobre, tal qual retratado por “New Look”, coleção revolucionária de Christian Dior lançada em 1947, que usava a moda como meio de despedida dos tempos sombrios causados pela guerra. Tal dualidade existente entre o que era prático e o que era opulento também se refletiu na arquitetura, pois enquanto as habitações populares priorizavam a economia de recursos, os edifícios corporativos e residências de luxo passaram a fazer uso de elementos inovadores e arrojados.

Logo, toda a transição existente entre a industrialização e os conflitos políticos resultaram em um movimento que buscava, com todas as forças, romper com as tradições do passado e abraçar as inovações advindas desse



processo, fazendo com que a integração entre forma e função passasse a ser prevalente nas composições das mais diversas áreas, celebrando a simplicidade e flexibilidade das criações ao longo do século XX.

Na arquitetura, todos esses movimentos, desde a Primeira Revolução Industrial, trouxeram avanços tecnológicos, novos materiais de construção, bem como mudanças comportamentais, culturais e sociais. Inúmeros foram os arquitetos influenciados por esse período, mas se destacam alguns, no exterior, como Le Corbusier, Ludwig Mies van der Rohe e Frank Lloyd Wright, estrangeiros que se fixaram e se naturalizaram no Brasil, como Gregori Warchavchik e Lina Bo Bardi, e brasileiros como Rino Levi, Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Vilanova Artigas, que exploraram novas possibilidades estruturais e estéticas, e instituíram uma nova concepção para a arquitetura. Esses arquitetos propuseram princípios inéditos, que até hoje são fortemente aplicados, como a valorização da forma a partir de sua função (por influência da Bauhaus), o uso de materiais industriais, a “descompartmentar” dos espaços internos, a integração da arquitetura com o entorno. Com eles, surgiu um novo pensar e planejar a arquitetura, pois muitos deles acreditavam em uma arquitetura menos ornamentada, mais social e popular em relação à maneira de pensar desta época.

A arquitetura moderna representou, à época, segundo Lores (2024), “[...] a promessa de uma reconstrução benigna, logo após os horrores da Primeira Guerra Mundial”, pois essa, destruiu cidades e, principalmente, áreas suburbanas europeias, levando à necessidade de uma arquitetura viável à habitação em grande escala e um meio para a justiça social, crescimento econômico e princípios, ainda muito preliminares, de soluções ambientais. Assim, a linha de montagem de Henry Ford para a indústria de automóveis, que fez os mestres da Bauhaus se inspirarem, e as promessas de igualdade da Revolução Bolchevique na Rússia, fomentaram novas ideias para uma arquitetura menos ornamentada e mais acessível e justa às classes sociais mais populares (Lores, 2024).

O movimento modernista viu no contexto de reconstrução e inovação um terreno fértil para aliar a eficiência construtiva e a estética minimalista, se apropriando de formas geométricas sóbrias com materiais industrializados para compor ambientes que traduzissem as aspirações de uma sociedade em transição. A Bauhaus, fundada por Walter Gropius em 1919, foi um grande divisor de águas no quesito dos ideais modernistas, pois conseguiu integrar a arte, arquitetura e tecnologia, evoluindo e se diversificando a partir dessa premissa e da ideia de Louis Sullivan da forma que segue a função. A partir disso, muitos arquitetos passaram a planejar espaços que priorizavam a funcionalidade e eram esteticamente impactantes, os quais foram símbolos do progresso na arquitetura, levando à rejeição da ornamentação excessiva e à adoção de linhas simplificadas e formas geométricas limpas. Passaram a inserir em seus projetos os “cinco pontos da arquitetura moderna” formulados por Le Corbusier em 1926 e consolidados em seu projeto da Villa Savoye, a partir da presença de: **pilotis, planta livre, fachada livre, janelas em fita e terraço jardim** (Moreira, 2020).

De forma paralela, o vestuário também passou a se expressar de modo minimalista e funcional, deixando em evidência designers como Coco Chanel e Yves Saint Laurent, que ao simplificar as silhuetas em prol de conforto e praticidade, desafiaram as normas tradicionais da moda (Mendes e de la Haye, 2010).

Coco Chanel, pioneira do movimento modernista e estilista que deu vida aos vestidos tubinhos, camisas de seda e o famoso tailleur, e outras vestimentas marcantes do século XX, afirmava que "moda é arquitetura, é tudo uma questão de proporção." Por meio desta frase, Coco Chanel fazia referência de seus tailleurs à Villa Savoye de Le Corbusier. A estilista queria mostrar a relação da arquitetura modernista com sua peça, que quebrava os padrões pré-estabelecidos pela sociedade. Tanto Le Corbusier quanto Coco Chanel compartilhavam ideias de funcionalidade, liberdade e simplicidade. Os tailleurs, conjunto de casaco e saia compostos por linhas, foram desenhados com o propósito de ser uma peça prática, elegante e que permitisse a liberdade e movimento das mulheres, que antes eram limitadas a roupas desconfortáveis e restritivas, como corsets e vestidos volumosos. Segundo Chave (2020), a Villa Savoye, mostrava ter os mesmos objetivos e apresentava isso diante de sua arquitetura, a partir de sua funcionalidade e racionalidade, linhas retas, formas geométricas e uma planta aberta que mostrava a relação do interior com o exterior.

Seguindo as mesmas ideias modernistas, o estilista espanhol Cristobal Balenciaga (1895-1972) foi considerado o "arquiteto da moda". Segundo Chave (2020), ele transpirava a relação deste encontro e sabia fazer da arquitetura uma inspiração para propor roupas em perfeita sintonia com o corpo. Para esta autora, Cristobal, como resultado de sua personalidade inovadora, buscou a utilização das chamadas linhas puras, com cortes minimalistas - relação direta com a arquitetura modernista, o que o tornaram um sinônimo de luxo, sofisticação e leveza. O estilista chegou a ser saudado por Coco Chanel como "o único verdadeiro costureiro entre nós, capaz de desenhar, cortar, montar e costurar um vestido inteiramente sozinho" (Chave, 2020).

No contexto brasileiro, as Revoluções e as Guerras Mundiais, coincidiram com períodos de progresso das cidades, crescimento econômico, avanços na comunicação e transporte. Em tempos da Terceira Revolução Industrial, um grande exemplo foi a mudança quase que súbita da paisagem do país a partir das obras de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa em Brasília em 1960, que se tornou o marco do modernismo e visão futurística do âmbito arquitetônico no território. Segundo Mindlin (2010), a arquitetura modernista no Brasil não se limitou apenas às novas técnicas construtivas, sendo também uma manifestação de fatores sociais e econômicos que surgiram, principalmente a partir da Primeira Guerra Mundial, refletindo as aspirações e necessidades de uma sociedade em rápida transformação.

Outra marca das grandes guerras foi o surgimento da arquitetura brutalista, caracterizada por estruturas maciças e austeras que refletiam a gravidade dos tempos de guerra. Como explicado por Reyner Banham, em seu livro „The New Brutalism - Ethic or Aesthetic“, estilos como o brutalismo foram uma necessidade dos artistas e arquitetos europeus de se adaptarem a materiais rígidos, de forma linear e simples, mesmo em grandes dimensões. Materiais como o vidro grosso, concreto armado e estruturas de aço transmitiam os reflexos e as marcas deixados pelas guerras na Europa. Muitas das obras de Paulo Mendes da Rocha (arquiteto brasileiro) imprimem essa vertente.

No Brasil, o arquiteto Gregori Warchavchik introduziu arquitetura modernista, construindo casas sem ornamentações, que a princípio chocaram e sofreram impugnações em aprovações legais, justamente pela falta de

elementos decorativos. Lina Bo Bardi, graduada na Itália no período entre Guerras, que morou em Milão, uma das regiões mais industrializadas e atacada do país durante a Segunda Guerra Mundial, aterrissou no Brasil, trazendo suas ideias de popularização e inovação da arquitetura. Muito influenciada por suas bases de formação e contrariada à monumentalidade e ideias de expansão e renovação urbana fundamentadas no fascismo imposta por Mussolini, mesmo apesar das recuperações de locais históricos feitas por ele, Lina Bo Bardi defendia, ao se referir à moradia, que “[...] a casa não é um cenário teatral destinado a satisfazer impulsos de ostentação, mas um lugar para prover necessidades humanas básicas” (Lima, 2021, p. 216).

Não só na arquitetura Lina inovou, mas também na moda pelo seu jeito de se vestir, pelos trajes que usou em festas à fantasia, e pela criação de joias expostas em 1952 no Museu de Arte de São Paulo (MASP) em uma primeira apresentação de moda promovida por Pietro Maria Bardi – marido de Lina. Para Lima, (2021), nesse evento, do qual o paisagista Burle Marx e o artista plástico participaram com a criação de estampas para já podia ser observada uma intenção racionalista e industrial das áreas criativas.

Diante dos cenários apresentados, o diálogo entre a arquitetura e a moda se tornou ainda mais potente, pelo fato de que ambas as artes mostraram a necessidade de se influenciarem mutuamente para haver a realização dos desejos durante o período em que se consolidou o movimento modernista. E, da mesma maneira que um edifício pode influenciar o modelo de um traje ou uma coleção, uma indumentária pode igualmente influenciar um projeto de arquitetura. Para muitos, segundo Chave (2020), a arquitetura é considerada como a chave para desvendar a forma contemporânea, pois absorve conhecimentos externos e então alimenta a ideia de um abrigo com novas estruturas, dimensões, plenitudes e vazios, luminosidade e sombreamento, transparências, materiais, cortes e recortes. Na moda, essa escala se concretiza no corpo, que frequentemente contempla a arquitetura como fonte de inspiração.

## Considerações Finais

Entendendo que a moda e arquitetura partilham de um mesmo "corpo" e que são conectadas por traçados que norteiam o equilíbrio e a harmonia do espaço e do ser, mesmo que em escalas distintas, podemos considerar ambas como necessidades básicas análogas do ser: vestir-se e habitar. Com o movimento modernista (início do século XX), a interseção entre a arquitetura e a moda se aproximou ainda mais, fazendo-as se entrelaçarem em mútuas buscas por referências, entre arquitetos e estilistas, como foi analisado pela revisão bibliográfica.

O movimento modernista, tanto na arquitetura, quanto na moda, emergiu de mudanças sociais, tecnológicas e culturais de sua época, e foi muito influenciado pelas Revoluções industriais e movimentos subsequentes, principalmente pelas duas grandes Guerras Mundiais. E, em ambas as áreas, buscou-se romper com as tradições do

passado e adotar uma abordagem mais funcional e inovadora, mas também fundamentada na necessidade de reconstrução, adaptação aos tempos de escassez e renovação de comportamentos, sentimentos, ideais e esperanças.

A moda, assim como a arquitetura deste período, intencionou a ruptura com o tradicional e a busca incessante pela inovação e experimentação nas vestimentas e nas construções pela oportunidade de novos materiais, métodos produtivos, e, sobretudo, por uma nova forma de pensar e agir. As roupas e os espaços passaram a ser desenhados com linhas mais retas e simplificadas, em contraste com os estilos mais ornamentados e estruturados de períodos anteriores. Isso, também inspirava os movimentos artísticos da época, que buscavam representar a realidade de forma fragmentada e abstrata, muito característico de um período que “desornamentou” e racionalizou o design e as formas de produção.

Ou, seja, priorizou-se a valorização da funcionalidade e do conforto de ambientes e roupas. O vestuário passou a ser mais prático e adaptado para as atividades do dia a dia, refletindo a crescente participação das mulheres na vida profissional e social. Semelhante aos efeitos modernistas na arquitetura, com espaços mais abertos, que possibilitaram maior socialização e integração de atividades, mais ventilados e conectados com o exterior. Buscas estas, que impactaram e até hoje são referências nas escolas de arquitetura e no design de moda.

## Referências

COSTA, Lúcio (1902-1998). Considerações sobre arte contemporânea (1940). In: **Lúcio Costa, Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. 608p.il.

LIPOVETSKY, Gilles Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/80124.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.

CHAVE, Liana Miranda. A influência da arquitetura na moda brasileira e portuguesa. DAT Journal, v.5, n.2, p. 282–312. 2020 Disponível em: <https://doi.org/10.29147/dat.v5i2.208>. Acesso em: 20 jun. 2024.

FRAMPTON, Kenneth. **Modern Architecture: A Critical History**. Londres: Thames & Hudson, 2023.

KINNEY, Leila W. Fashion and fabrication in modern architecture. In: BRAND, Jan; TEUNISSEN, José (Ed.). **Fashion and imagination about clothes and art**. Arnhem: ArtEZ, 2009. p. 248-259.

Lima, Zeuler R. **Lina Bo Bardi**. São Paulo: Companhia das Letras. Edição do Kindle: 2021

Lores, Raul Juste. São Paulo nas alturas: a revolução modernista da arquitetura e do mercado imobiliário nos anos 1950 e 1960. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

Marques, Mariana Ribeiro. **Ligações entre arquitetura e moda: inspirações arquitetônicas**. Orientador: Hipólito, Fernando Manuel Domingues. 2019. Dissertação de Mestrado (Mestrado Integrado em Arquitetura) - Universidade Lusíada de Lisboa - Faculdade de Arquitectura e Artes, Lisboa, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/5582>. Acesso em: 20 jun. 2024.

MENDES, Valerie.; DE LA HAYE, Amy. **Fashion since 1900**. Londres: Thames And Hudson, 2010.



MINDLIN, Henrique. E. **Arquitetura moderna no Brasil**. Rio De Janeiro: Aeroplano, 2010.

MOREIRA, Susanna. **Os 5 pontos da arquitetura moderna e suas aplicações em projetos contemporâneos**. ArchDaily, 23 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/947780/os-5-pontos-da-arquitetura-moderna-e-suas-aplicacoes-em-projetos-contemporaneos>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SOUZA, Patrícia de Mello. Moda e arquitetura: relações que delineiam espaços habitáveis. **dObras[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S. l.], v. 7, n. 16, p. 87–96, 2014. DOI: 10.26563/dobras.v7i16.36. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/36>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ZAPPELLINI, Renata. **Moda e arquitetura estão mais conectadas do que você imagina**. Vogue. Vogue Gente. 2020. Disponível em: <https://vogue.globo.com/amp/Vogue-Gente/noticia/2020/08/moda-e-arquitetura-estao-mais-conectadas-do-que-voce-imagina.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

